



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PEDREIRAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS

BÁRBARA CHAVES MOTA

**AMBIÇÃO DE LADY MACBETH (WILLIAM SHAKESPEARE) E A
DESCONSTRUÇÃO DE PODER SOBRE A FIGURA MASCULINA.**

Pedreiras
2024

BÁRBARA CHAVES MOTA

**AMBIÇÃO DE LADY MACBETH (WILLIAM SHAKESPEARE) E A
DESCONSTRUÇÃO DE PODER SOBRE A FIGURA MASCULINA.**

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão, Campus Pedreiras, como requisito obrigatório para obtenção do grau de licenciada em Letras Português.

Orientadora: Prof^a. Dra. Regilane Barbosa Maceno

Pedreiras
2024

Mota, Bárbara Chaves.

A ambição de Lady Macbeth (William Shakespeare) e a desconstrução de poder sobre a figura masculina / Bárbara Chaves Mota. – Pedreiras, MA, 2024.

43 f

Monografia (Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa) - Universidade Estadual do Maranhão, Campus Pedreiras, MA, 2024.

Orientadora: Profa. Dra. Regilane Barbosa Maceno

1. Tragédia. 2. Figura feminina. 3. William Shakespeare. 4. Macbeth I. Título.

CDU: 821.111

BÁRBARA CHAVES MOTA

**AMBIÇÃO DE LADY MACBETH (WILLIAM SHAKESPEARE) E A
DESCONSTRUÇÃO DE PODER SOBRE A FIGURA MASCULINA.**

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão, Campus Pedreiras, como requisito obrigatório para obtenção do grau de licenciada em Letras Português.

Orientadora: Prof^a. Dra. Regilane Barbosa Maceno

Aprovação em: 30/07/2024

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Regilane Barbosa Maceno (UEMA/SEMECTI)
Orientadora

Profa. Me. Deymika de Carvalho Florêncio (UEMA/IFMA)
1º EXAMINADORA

Profa. Esp. Ruth Jonielle Carvalho Novais de Sousa Leite (UEMA)
2º EXAMINADORA

Dedico esta monografia ao meu esposo Jefferson e minha filha Maria Laura, meus maiores incentivadores, cuja dedicação e incentivo foi a mola propulsora para o meu crescimento acadêmico.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me manteve de pé diante as adversidades.

Agradeço à minha orientadora Profa. Dra. Regilane Barbosa Maceno, por me auxiliar no trabalho de monografia e toda a confiança depositada em mim, sou grata a todas as palavras de incentivo, por dedicar seu tempo com todas as indicações de leitura, disponibilidade e compreensão no processo de escrita, mantendo-me motivada.

Ao meu esposo Jefferson Maurício que, acima de tudo, é um grande amigo, sempre presente nos momentos difíceis com uma palavra de incentivo, que com sua calma e gentileza não me deixou desistir, dizendo-me sem cansar: você é capaz!

Externo a minha imensa gratidão ao meu caro colega Edson Araujo de Oliveira Filho, que me acompanhou durante toda a caminhada acadêmica, suas cobranças e reclamações quando algo não estava certo e seu companheirismo foram fundamentais para que eu chegasse até aqui, obrigada.

E por último e não menos importante, agradeço à Universidade pela receptividade e todo o corpo docente que puderam compartilhar seus conhecimentos comigo proporcionando assim meios e possibilidades para o meu crescimento acadêmico.

*“À medida que reconhecemos a história,
somos submetidos à história.”*

William Shakespeare

RESUMO

Ao longo dos anos, a figura feminina tem enfrentado inúmeras barreiras sociais na busca por um espaço de fala e pelo reconhecimento de seu papel como ser humano e sua capacidade de escrita literária. O presente estudo objetiva analisar a tragédia *Macbeth*, de William Shakespeare, utilizando a Teoria da Representação, as Teorias do Discurso e o Feminismo, tendo como referenciais teóricos Williams (2008) e Bakhtin (1986), através dos diálogos entre os personagens que influenciam a categorização de Lady Macbeth. Para esta pesquisa, foi adotada uma abordagem qualitativa e bibliográfica, na qual foram analisadas as interações entre Lady Macbeth e Lorde Macbeth em suas falas ao longo dos atos. Assim, este estudo proporciona uma compreensão mais profunda do papel crucial de Lady Macbeth na trama de Shakespeare, demonstrando como sua influência é fundamental para o desenvolvimento dos acontecimentos. A análise das interações de Lady Macbeth revela como os contextos presentes nos diálogos moldam tanto a narrativa quanto a construção dos personagens, ao mesmo tempo em que oferece uma reflexão sobre as implicações sociais e históricas das representações femininas na literatura. Constitui-se, portanto, de um estudo essencialmente bibliográfico analítico, que emprega como método uma análise qualitativa indutiva do texto literário. Para tanto, buscou-se ancoragem teórica, entre outros, nos autores Bárbara Heliodora (2000), Antonio Candido (2012) e Willian (2012). O estudo revelou como os contextos influenciadores presentes nos diálogos da obra moldam a narrativa e a construção dos personagens, tornando Lady Macbeth não apenas uma coadjuvante, mas uma força principal que desafia e molda o destino de Macbeth, refletindo e amplificando as tensões e conflitos da sociedade elisabetana.

Palavras-chave: tragédia; figura feminina; William Shakespeare; Macbeth.

ABSTRACT

Over the years, the female figure has faced countless social barriers in the search for a space to speak and for the recognition of her role as a human being and her ability to write literary. The present study aims to analyze the tragedy *Macbeth*, by William Shakespeare, using the Theory of Representation, Discourse Theories and Feminism, having as theoretical references Williams (2008) and Bakhtin (1986), through the dialogues between the characters that influence the categorization of Lady Macbeth. For this research, a qualitative and bibliographical approach was adopted, in which the interactions between Lady Macbeth and Lord Macbeth were analyzed in their speeches throughout the acts. Thus, this study provides a deeper understanding of Lady Macbeth's crucial role in Shakespeare's plot, demonstrating how her influence is fundamental to the development of events. The analysis of Lady Macbeth's interactions reveals how the contexts present in the dialogues shape both the narrative and the construction of the characters, while at the same time offering a reflection on the social and historical implications of female representations in literature. To this end, theoretical anchoring was sought, among others, from Bárbara Heliodora (2000), Antonio Candido (2012) and Willian (2012). The study revealed how the influencing contexts present in the dialogues shape the narrative and the construction of the characters, making Lady Macbeth not just a supporting character, but a main force that challenges and shapes Macbeth's destiny, reflecting and amplifying the tensions and conflicts of Elizabethan society.

Keywords: tragedy; female figure; William Shakespeare; *Macbeth*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
I CAPÍTULO.....	15
TRAGÉDIA ENQUANTO GÊNERO E TRADIÇÃO	15
1.1 A tragédia na modernidade: o que mudou na concepção aristotélica.....	16
1.2 A tragédia <i>Macbeth</i> , de William Shakespeare	18
II CAPÍTULO.....	21
A REPRESENTAÇÃO FEMININA NA LITERATURA	21
2.1 A figura feminina sob uma perspectiva de representação social e histórica	23
2.2 A construção do estereótipo feminino na tragédia <i>Macbeth</i>	25
2.3 Caracterização da personagem Lady	27
2.4 A personagem <i>Lady Macbeth</i> : poder e desequilíbrio.....	28
CAPÍTULO III.....	31
A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DE MACBETH E LADY MACBETH: INVERSÃO?	31
3.1 Análise das interações dialógicas entre Lady Macbeth e Lorde Macbeth ...	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS	40

INTRODUÇÃO

O escritor William Shakespeare, considerado um dos maiores dramaturgos inglês, e também poeta, nasceu no dia 23 de abril no ano de 1564, na cidade de Stratford-Avon, na Inglaterra. Suas obras, são constituídas em 38 peças, 154 sonetos, dois poemas de narrativa longa, e poesias. Seus escritos e composições são mais atualizadas do que as de qualquer outro dramaturgo, conforme os sites de educação e de biografia do autor: Mundo educação e Brasil escola. As peças teatrais de Shakespeare foram criadas no período do Renascimento, marcado pelo antropocentrismo, no qual o homem era considerado o centro do universo, uma perspectiva que era controversa à religião católica, que se baseava na ideia do Teocentrismo, ou seja, Deus como o centro.

Ele foi considerado o principal escritor do teatro elisabetano, marcado por nascer e se estruturar no período do reinado da rainha Elizabeth I (1533-1603). Ocasionalmente neste período, a Inglaterra ainda mantinha uma afinidade com os valores medievais, o que fazia do teatro uma manifestação capaz de expressar a cultura religiosa e popular (Heliadora, 2004). Posteriormente, as peças deixaram de ser realizadas em igrejas e ambientes públicos para ganharem o espaço do teatro, tornando-as mais profissionais e, propiciando uma maneira de se adquirir uma renda. Além da moralidade nacionalista, o teatro shakespeariano possui um teor filosófico e o lirismo se faz presente em diversas de suas obras. O autor foi criador de poemas narrativos, sonetos, tragicomédias, comédias e tragédias, entre elas a tragédia “Macbeth”.

Considera-se que a obra dramática de Shakespeare se divide em: tragédias, comédias e peças históricas, que possuem características próprias, no entanto, como afirma a pesquisadora Barbara Heliadora, no texto *Reflexões shakespearianas* (2004):

[...] nas comédias, são examinadas as relações interpessoais, expressadas principalmente por intermédio do amor; nas peças históricas são examinadas as relações do indivíduo com sua sociedade, seu Estado, expressadas principalmente por intermédio das lutas pelo poder; e, finalmente, nas tragédias, são examinadas as relações do homem com o universo, por intermédio de situações externas, nas quais valores últimos devem ser avaliados e postos à prova. Poderíamos, talvez, dizer que a separação dos grupos é válida

porque a comédia trata de conflitos conciliáveis, as peças históricas, de conflitos arbitrados pela confrontação da força, e as tragédias, de conflitos irreconciliáveis (Heliodora, 2004, p. 67).

Com vasta produção, que ensinam sobre a condição humana, o escritor morreu em 23 de abril de 1616, em Stratford, e deixou algumas obras teatrais que perduram sua visibilidade até os dias atuais, como *Romeu e Julieta*, *Hamlet*, *Rei Lear*, *Otelo* e *Macbeth*. O objeto de estudo que será analisado aqui é a peça trágica *Macbeth*, escrita em 1606/1607.

Esse posicionamento de naturalização que inferioriza o sexo feminino, segundo Camati (2008), é constantemente criticada, ridicularizada, desacreditada e subvertida nas obras de Shakespeare. Suas heroínas são fortes, inteligentes e decididas. Possuem agudeza de espírito, perspicácia, determinação, audácia, independência, versatilidade e claro, fluência verbal.

Para a época, as mulheres quando se casavam deveriam ser obedientes ao marido e não tinham o direito de se expressar sem o consentimento do mesmo, como afirma “a mulher casada torna-se uma incapaz e todos os atos que ela fizer sem estar autorizada pelo marido ou pela justiça serão radicalmente nulos (Michel, 1982, p. 35).

Apesar da maioria dos personagens envolvidos na trama serem destacados (Duncan – o rei que foi assassinado), Lady Macbeth é uma personagem marcante, intrigante que faz com que o leitor questione se essa seja a personagem secundária ou principal. E buscando esse posicionamento, nota-se a grande influência que a Lady Macbeth tem sob o marido, uma vez que conduzido pelos comandos e desejos de sua amada, segue todas as ordens, até as mais “assombrosas”.

Ainda que os protagonistas das tragédias sejam majoritariamente masculinos, os personagens femininos nas narrativas shakespearianas são marcados por serem fortes e dominantes. Sabe-se que, na época, a restrição do papel social da mulher era uma simples criação cultural e, do mesmo modo, havia a diferenciação dos sexos para cumprir as funções domésticas e para “produção de prazer”, como se fossem partes de sua própria natureza.

Vejamos aqui uma explicação notória da perspectiva do papel feminino nas obras de Shakespeare, no qual o autor propicia voz e vez para o sexo feminino que também dispõem de um lugar dedicado à fala e que não somente o homem tem este lugar, mas que a mulher também pode e deve ter papéis importantes e intrigantes nas narrativas e produções literárias.

A figura feminina, ao longo dos anos, tem enfrentado barreiras sociais na construção de lugar de fala e reconhecimento do seu papel enquanto humana e poder de escrita literária. De acordo com essa perspectiva, esta pesquisa proporciona relevância social e histórica como meio de ampliar a visão sob a mulher não somente como indivíduo inserido no meio social, mas como um ser que tem lugar de voz e escrita.

O interesse pelo tema surgiu quando conheci a obra de Shakespeare por ganhá-la de presente no ano de 2022. Nessa ocasião, foi possível perceber, estudando a obra desse autor por curiosidade pessoal, a interdiscursividade escondida nas entrelinhas que enfatizava fortes questões de ambição, manipulação e poder da figura feminina. Portanto, o *corpus* escolhido para este estudo é a tragédia *Macbeth*, publicada pela primeira vez em 1613.

A escolha desta temática deu-se através dos estudos realizados em uma oficina de Metodologia da pesquisa em literatura, na Universidade Estadual do Maranhão Campus Pedreiras, durante umas das Semanas Científicas realizadas na instituição, no qual norteou a pesquisa do papel da representação feminina no gênero tragédia, em especial, sob a narrativa de Shakespeare. Procurando-se alcançar êxito na pesquisa, objetivou-se analisar, de acordo com a Teoria da Representação, Teorias do Discurso e do Feminismo, a tragédia *Macbeth*, de William Shakespeare, destacando a influência dos diálogos entre os personagens da obra na categorização Lady Macbeth; em busca de identificar o agente influenciador de Lady Macbeth sobre as decisões de Macbeth, relacionar os conflitos na construção de poder da figura feminina em construção de Lady e sintetizar as características sociais e históricas da representação feminina e suas atribuições.

Com este trabalho pretende-se contribuir com um estudo através da análise do papel de Lady Macbeth na narrativa - esposa do protagonista -, observando como a personagem possui um poder influenciador sob seu esposo, Macbeth, nas decisões tomadas por ele, analisando as interações entre os dois personagens citados acima, em que nesses trechos há a presença de contexto influenciadores.

Como meio de pesquisa, adotou-se uma pesquisa qualitativa e bibliográfica na qual foram analisadas as interações entre Lady Macbeth e Lorde Macbeth em suas falas nos atos, o que motivou as intervenções da execução do plano de assassinar o rei Duncan.

Lakatos e Marconi (2003, p. 183) em seus estudos, esclarecem que a pesquisa bibliográfica tem como finalidade “[...] colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas”. Gil (2002, p. 44) afirma que “[...] embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas”.

Este trabalho foi realizado com base na Teoria da Representação referenciado em Stuart Hall (1997), Teorias do Discurso em Bakhtin (1986), do Feminismo e da interação em Raymond Williams (2008)

O trabalho visa contribuir com as pesquisas que apresentem interesse nos estudos da obra *Macbeth* e o papel influenciador da mulher nas narrativas e estudantes da área de Letras, especialmente aos que se interessam pelas obras de Shakespeare como *Macbeth* e suas diversas interpretações dos personagens aqui estudados e analisados. Para além disso, pode-se ampliar e fomentar novas perspectivas, novos olhares sobre a representação do feminino na obra. Apresenta-se as discussões por meio de capítulos interligados por sessões que se dividem em contextualização da dramaturgia, a figura feminina e sua contribuição literária finalizando-se com a análise dialógica dos Atos.

Nosso Trabalho Monográfico constitui-se, portanto, de um estudo essencialmente bibliográfico analítico, que emprega como método uma análise qualitativa indutiva do texto literário, escolhido como *corpus*. A pesquisa está estruturada da seguinte maneira: “Introdução”, em que apresentamos uma panorâmica da discussão; Capítulo 1: TRAGÉDIA ENQUANTO GÊNERO E TRADIÇÃO, no qual será apresentado o conceito e aprofundamento do gênero tragédia e suas contribuições para a escrita literária”; Capítulo 2: A REPRESENTAÇÃO FEMININA NA LITERATURA, em que abordaremos a figura feminina e seu papel literário, abordando a sua importância e contribuição histórica e social”; Capítulo 3: A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DE MACBETH E LADY MACBETH: INVERSÃO?, no qual discutiremos as questões que envolvem um aprofundamento do discurso, analisando-se os diálogos entre os personagens mais significativos da obra; “Considerações Finais” e “Referências Bibliográficas”

I CAPÍTULO

TRAGÉDIA ENQUANTO GÊNERO E TRADIÇÃO

“Uma risada casquinhante e zombeteira uniu os três vultos que se agitavam à distância, praticamente indistinguíveis.”

William Shakespeare

Os estudos sobre o gênero *Tragédia* datam da Antiguidade Clássica, a partir dos filósofos Platão e Aristóteles. É deste último a primeira obra que teoriza e descreve esse gênero, *A Poética*. Grande parte da obra é dedicada ao estudo da tragédia, considerada por Aristóteles como a arte mimética por excelência.

A literatura possui a propensão de imitar a realidade, criando um mundo paralelo, em contraposição ao contexto em que a obra é reiterada. Sendo inicialmente depreciada por Platão, os estudos da mimese – característica primordial das representações – continuou e se materializou através de Aristóteles, seu discípulo, como explica a pesquisadora Lígia Militz da Costa, (1992, p.6): “Discípulo de Platão, Aristóteles (384-322a.C.) recebeu do mestre a palavra mimese. Refutou, contudo, o conceito platônico, enaltecendo o valor da arte justamente pela autonomia do processo mimético face à verdade preestabelecida”.

Ressaltando a tragédia como pilar base dos estudos da arte em Aristóteles, tem-se como definição do gênero Tragédia também como uma espécie de mimese. Para o filósofo, a mais perfeita, como assim define Lígia Militz:

A tragédia é definida como uma forma específica de mimese, segundo os critérios que diferenciam as artes miméticas e o efeito que a representação determina no espectador. Trata-se de uma representação de ações de homem de carácter elevado (objeto da imitação), expressa por uma linguagem ornamentada (meio), através do diálogo e do espetáculo cênico (modo), e visando à purificação das emoções (efeito catártico), à medida que suscita o temor e a piedade no espectador. (Costa, 1992, p.18)

O gênero Tragédia, na literatura, aborda a triste decadência de um protagonista de maneira distinta. Nos séculos mais recentes, a tragédia tem

constituído novas formas, apresentando protagonistas que representam um perfil desprezível social e, desta forma, retirando a abertura trágica que sugere a impotência ou fragilidade de um personagem que enfrenta diversas versões do moderno. Vale ressaltar que independente das características e detalhes, a tragédia acarreta e tenta, de alguma maneira, examinar e estudar a decadência humana, o ser humano e seus conflitos de existência e sua relação com o meio.

Destaca-se a tragédia clássica com grande importância na Grécia Antiga e Roma, tendo como as obras mais conhecidas desse estilo, a *Ilíada* e a *Odisseia*, ambas escritas por Homero. A *Ilíada* conta a história do cerco de Tróia, que acentua a bravura e os conflitos dos heróis gregos e troianos. Por conseguinte, a "Odisseia" narra as aventuras do herói Odisseu, em um mesmo conflito e contexto histórico em sua longa jornada de volta para casa após a Guerra de Tróia. Uma e outra, são obras assinaladas pela grandiosidade épica, pela reflexão sobre a vida humana e pelas questões existenciais.

Outra importante obra da tragédia clássica é a obra *Eneida*, escrita por Virgílio, que relata a história do príncipe troiano Enéias, que, após a destruição de Tróia, sai em busca de um novo lar e acaba criando a cidade que, posteriormente, se tornaria Roma. Estas obras são escritas fundamentais e de grande importância em torno da literatura, inspirando novas criações até os dias atuais.

1.1 A tragédia na modernidade: o que mudou na concepção aristotélica

O substantivo tragédia e o adjetivo são, na atualidade, referência quando se discute sobre o gênero literário Tragédia. A palavra "tragédia" tem sua etimologia no termo grego "tragōidía", formada por duas palavras sendo elas: uma palavra formada por duas outras: "trágos", que se traduz por "bode", e "ōidé", que quer dizer "canto" que significa "canto do bode". Historicamente originou-se das comemorações em honra ao deus Dionísio. Nas mais variadas interpretações que buscam explicar a origem dessa palavra, acredita-se que Dioniso, em Ícaro, havia ensinado aos homens, pela primeira vez, a arte de cultivar vinhas e de maneira súbita, assim que as videiras cresceram, um bode, acusado de tê-las destruído, fora castigado com a morte. Nas festividades que aconteciam, os participantes utilizavam máscaras de bodes para encenar histórias tristes e dramáticas. Tais cantores e dançarinos travestiam-se em

“sátiros, que eram concebidos pela imaginação popular como ‘homens-bodes’” (Brandão, 1996, p. 10).

Nos dias atuais, a tragédia possui visibilidade no campo de estudo e produção na literatura, teatro e cinema, contendo representações da condição humana com emoções fortes, intensas que atingem uma reflexão no indivíduo acerca de si mesmo.

Segundo o teórico e sociólogo galês Raymond Williams, em seu estudo intitulado *Tragédia Moderna* (2002, p.33): “no recorrente contraste verbal entre tradicional e moderno, há sempre uma pressão a comprimir e unificar as variadas reflexões do passado em uma única tradição, “a” tradição”. Por isso, é importante que tenhamos: “[...] a compreensão de que uma tradição não é o passado, mas uma interpretação do passado: uma seleção e uma avaliação daqueles que nos antecederam mais do que um registro neutro [...]” (Williams, 2002, p.34).

O trágico, segundo o autor, se correlaciona com a mais bela forma de continuidade cultural, uma vez que estas tradições recorrentes do tempo levam consigo a insalubridade dos meios que socialmente se construiu sentido de trágico: um acontecimento de experiência vivida pelo indivíduo, um enredo que apresenta a mais delicada futilidade do homem e sua queda social. Para esse autor,

A experiência trágica, no entanto, por causa da sua importância central comumente atrai as crenças e as tensões fundamentais de um período, e a teoria trágica é interessante principalmente neste sentido: por meio dela compreendemos muitas vezes mais a fundo o contorno e a conformação de uma cultura específica’ (Williams, 2002, p.69).

O trágico foi ascendido pelo povo da antiga Grécia, inteirada como uma arte que apresentava o drama melancólico dos personagens, tendo como base característica a fatalidade resultante do erro humano, o teor de existencialismo humano, valorização política e embargo de exaltação de valores sociais e morais. No entanto, no decorrer dos séculos, e evolução do gênero literário, construiu-se uma nova perspectiva de visão com esse meio de produção intrigante e que potencializa as fatalidades e fortalezas do ser humano enquanto um indivíduo falho. Porém,

[...] De qualquer modo, a tragédia não perde seu lugar ao longo da história da literatura. Mesmo assumindo formas menos ortodoxas, ela se mantém como gênero. No século XX, escritores representativos

valeram-se dela para apresentar temas da contemporaneidade (Huppes, 1987, p. 80).

Desse modo, vê-se a transposição do gênero tragédia que perpassa desde sua primeira perspectiva vinda das tradições e crenças cotidianas, perpetuando os anos seguintes ao seu surgimento de maneira a acrescentar ainda mais a cultura literária que se tem acesso aos dias atuais.

Dentre as mais variadas produções de obras, salientam-se as obras literárias "O Santo Inquirito", de Alfredo de Freitas Dias Gomes, romancista e dramaturgo e membro da Academia de Brasileira de Letras.

Outra obra importante é "Os Mal-amados" da dramaturga e pedagoga Maria de Lourdes Nunes Ramalho, uma tragédia nordestina que nos faz refletir sobre o sentimento de amor e aceitação. A história vem afunilar de forma sensível a vida de personagens que são marginalizados e vivem o desprezo pela sociedade idealista e preconceituosa, destacando a necessidade de mais empatia e compreensão perante as diferenças imposta ao homem social enquanto pessoa. Essa narrativa traz questionamentos como preconceitos e valores morais que rodeiam a sociedade de maneira a enfatizar como o aspecto de falta de amor e humanidade podem afetar diretamente a vida das pessoas, ou seja, estimula-se a olhar além dos estereótipos impostos socialmente para compreender as atitudes e sentimentos daqueles que são considerados "mal-amados" assim também como a estrutura familiar.

1.2 A tragédia *Macbeth*, de William Shakespeare

William Shakespeare nasceu em abril de 1564, na cidade inglesa de Stratford-upon-Avon. Iniciou a vida escolar no Kings New School, que seguia o mesmo linear e grade escolar das escolas elisabetanas, em que se prezava pelo conhecimento dos textos clássicos escritos em latim. Apresentar biograficamente a vida de Shakespeare é sobretudo um desafio, pois não há relatos claros e amplos ou traços que expõe suas especificações e, principalmente, sobre sua vida pessoal. O que há são fragmentos ou resquícios de sua vivência que, segundo Bárbara Heliodora (2008), boa parte da biografia do poeta e dramaturgo é desconhecida, consistindo, sobretudo, de suposições e colagens de fragmentos coletados por pesquisadores. Considera-se que sua magnitude e permanência histórica está relacionada na variedade de personagens criados por ele, que eternizou temas atemporais a partir

de peças como *Otelo*, *Hamlet*, *Romeu e Julieta* e *Macbeth*, obra aqui analisada. William Shakespeare tornou-se um autor consagrado como um dos nomes mais citados e reproduzidos pelo cinema, com uma vasta linha de produção em um período de grande fluxo nas atividades cênicas e com número considerável da presença do público

Retomando-se uma das suas vertentes de escrita, o gênero tragédia, William escreve o livro intitulado *Macbeth*, no qual narra a história de um destemido general do exército escocês (Lord Macbeth), sucumbido por ambições, deixando-se levar pela crueldade, cometendo uma série de assassinatos, influenciado por sua esposa, Lady Macbeth, e ascendido pelas premonições de bruxas como é destacado no trecho a seguir:

[...] As bocas desdentadas emitiam aquela saudação que se repetia entre gargalhadas e um estranho bracejar, ao passo que os cabelos longos e desgrehados, de aspecto sujo e entremeados de folhas e outros objetos indefinidos, lhe açoitavam o rosto misturando-se com uma estranhíssima barba. - Quem são vocês ?
De súbito, a saudação se alterou e ao longe se ouvia...
-Salve, Macbeth! Salve lord Cawdor. Salve, Macbeth, que ainda será rei! (William, 2021, p. 16)

Esta é uma narrativa que é emaranhada com questões de confusão moral e espiritual, o homem dividido na tensão entre o espiritual e o terreno. Antes de Macbeth assassinar o rei Duncan, ele atravessa um deserto de transtorno de consciência, entrelaçado entre a noção de moral e a confusão de seus sentimentos ambiciosos, que resulta em um abismo de culpa. Uma peça que explora temas que confrontam o ser humano no mais íntimo de seu ser, a exposição de ambições, a busca incontrolável de poder, os medos e preceitos são o que determinam o destino e as consequências que sofrem os atos do homem.

Dentre os demais personagens que compõem a narrativa, destacam-se Duncan, rei da Escócia. Uma entidade de poder representando uma entidade, visto que um rei é visto como uma figura divina. O rei é destruído pelo casal ambicioso. Lady Macbeth, que é a "responsável" por corromper o marido, fazendo-se semelhante com o destino de Adão e Eva. Assim também merece destaque dois outros personagens, Malcolm, o filho do rei Duncan, e Macduff que se apresenta: "Macduff esforçou-se para ser sedutor e envolvente em suas palavras e, por mais que clamasse

pelo destino sangrento da Escócia, seus interesses moviam-se abertamente na direção de seu próprio futuro.” (William,2021, p.99). Um dos personagens marcantes dessa história caracterizado como uma figura de vingador, uma vez que possui interesses futuros em derrotar o usurpador do trono, é ele que reestrutura o equilíbrio, pondo fim ao reinado de Macbeth construindo novamente a ordem.

Feita essas considerações sobre a obra, no próximo capítulo, discutiremos sobre o papel da figura feminina no campo social, político e de lugar de fala, assim também como veremos as características da personagem Lady Macbeth e seu papel fundamental para o desenrolar da trama.

II CAPÍTULO

A REPRESENTAÇÃO FEMININA NA LITERATURA

*“Lady Macbeth chegou-se, amistosa, a solicitude
indo além de seu sorriso, mas presente em igual
medida nas palavras.”*

William Shakespeare

A literatura é um vasto campo da representação do feminino. Em diversos aspectos, ela tem sido exercida por mulheres, seja na leitura ou no sentido de estarem sendo apresentadas em obras. Conforme mudanças sociais acontecem, a forma de se falar e de enxergar essas mulheres também mudam. Assim, a obra literária e sua leitura “humaniza em sentido profundo, porque faz viver” (Candido, 2012, p.85).

Em suas considerações sobre as previsões de exploração de representações sociais na literatura, Janos Laszlo (1997) argumenta que nossas narrativas não se limitam a relatos pessoais, mentais ou verbais isolados. Essas experiências individuais estão intrinsecamente conectadas a outras histórias e a diferentes indivíduos, formando articulações complexas e interconectadas. Dessa maneira, a literatura, assim, atua como um espelho da sociedade em constante mutação, capturando as nuances e complexidades das experiências ao longo do tempo.

Conforme o teórico brasileiro Antonio Candido (2000), a relação entre as obras literárias e a sociedade atravessa por momentos de avaliações. Em séculos passados, considerou-se que a literatura era a chave para se abordar questões sobre a sociedade, pois as obras falavam, mesmo que indiretamente, do homem, mesmo não precisando obrigatoriamente ter essa função, podendo até mesmo ter aspectos apenas fictícios, mas em outro momento foi desconsiderada sua função de representar.

Ademais, de acordo com Sandra Jatahy Pesavento (1998), é necessário buscar uma abordagem inovadora na interpretação de textos literários, permitindo uma compreensão em que a história seja encarada como literatura e a literatura como história. Esse entrelaçamento, caracterizado por uma magnitude notável, só pode ser

concretizado por meio da noção de "representação". Essa categoria tornou-se central nos estudos da história cultural, evoluindo para recuperar as diversas maneiras como homens e mulheres perceberam a si mesmos ao longo do tempo e em diferentes lugares. Dessa forma, desenvolveu-se um sistema de imagens que reflete uma representação coletiva.

Assim, Michel Foucault (2002) e Carlo Ginzburg (2001) estão de acordo quanto ao fato de que o termo "representação" está associado à ideia de "aspecto", "imagem" e "similitude". Dessa maneira, eles afirmam que outras representações podem surgir a partir de um padrão original, de um modelo e de uma realidade específica. Para Tomaz Tadeu da Silva (2009, p. 91), em diálogos com os autores citados, a "representação" é um sistema linguístico e cultural: arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado a relações de poder".

Nesse aspecto de semelhança com o social, as mulheres foram, por muito tempo, consideradas inferiores aos homens, não somente no cenário cultural, mas em todo o panorama social e linguístico, a exemplo das inúmeras expressões que, pejorativamente, são referidas à mulher, como maneira de inferiorização e coisificação: "lugar de mulher é na cozinha"; "já sabe cozinhar, então pode casar"; "nem parece, mas é bonita e inteligente"; entre muitas outras.

O patriarcalismo ditava as regras. É por isso que muitas mulheres eram representadas como submissas, loucas, dissimuladas e atrevidas, pois eram caracterizadas como tal no meio social. Isso fica evidente em personagens como Capitu, de Dom Casmurro; em Úrsula, de Maria Firmina dos Reis, uma personagem negra, descendente de escravizados que é determinada, inteligente e luta contra as opressões como uma resistência e empoderamento para as mulheres da época; ou ainda a personagem Diadorim, de Grande Sertão: Veredas, que se disfarça de homem para seguir como jagunço, entre tantas outras.

De acordo com Losandro Tedeschi (2008, p.40), ao explorar a história das mulheres através de representações, o objetivo é inserir a figura feminina no cenário em que os discursos constroem identidades e a interpretação masculina do mundo. Assim, é responsabilidade tanto dos homens quanto das mulheres contribuir para desnaturalizar essa narrativa histórica.

É mediante os momentos da história humana que diversas formas de representação vão acontecendo. Assim, muitos discursos impondo as diferenças de gênero foram construídos e estabelecidos, mediante o machismo e a inferiorização da

mulher, e adentrando nesse aspecto, a mulher branca, pois a negra não possuía nenhum espaço reservado, pois ainda sofria pela escravização, lutando por diversos fatores.

No discurso sobre a mulher ecoam vozes de épocas remotas que dialogam com as do presente e, em sintonia, constroem as palavras que se completam nas imagens, cujos sinais (das palavras e das imagens) histórico-sociais buscamos interpretar. (Lucena, 2003, p.159).

Portanto, as narrativas sobre mulheres não são isoladas no tempo, mas sim entrelaçadas, formando uma conexão significativa entre passado e presente. Além disso, a ideia de construir palavras em sintonia com imagens destaca a complexidade da representação feminina, observando que as palavras e imagens se complementam mutuamente. Assim, há uma continuidade e a interconexão das narrativas sobre mulheres, incentivando uma análise crítica que considere a evolução histórica e social.

Isto posto, compreende-se que ao longo da história, as obras literárias desempenham um papel crucial na configuração e perpetuação de estereótipos de gênero, refletindo as normas sociais, expectativas e preconceitos de suas respectivas épocas. Desde figuras míticas e arquetípicas até protagonistas contemporâneos, a literatura oferece um espelho que reflete as percepções e representações da feminilidade. As mulheres, muitas vezes, foram retratadas como musas antigas, damas em perigo, bruxas, sedutoras ou como personificações de virtudes e vícios, como vemos em *O martelo da Feiticeira* ou *Malleus maleficarum*.

2.1 A figura feminina sob uma perspectiva de representação social e histórica

A representação social é um fenômeno complexo que permeia o tecido social, moldando a maneira como percebemos, interpretamos e interagimos com o mundo ao nosso redor. De acordo com Hall (1997), a representação desempenha um papel crucial no processo de produção e troca de significados entre os membros de uma cultura.

Na antiguidade, as mulheres eram frequentemente retratadas como deusas, rainhas e figuras maternas, simbolizando fertilidade, beleza e sabedoria, como atestam os diversos mitos de diferentes culturas. Assim, esse retrato refletia não apenas a reverência pela feminilidade, mas também o reconhecimento de seu papel vital na sociedade, tanto na esfera religiosa quanto no familiar.

No entanto, com as intervenções do patriarcado a visão e/ou representação da figura feminina sofre alterações sendo relegadas ao trabalho doméstico. Sob a influência de estruturas sociais que privilegiam o poder masculino, as mulheres foram frequentemente relegadas a papéis secundários, limitadas ao âmbito doméstico e à esfera privada da vida familiar. Essa transformação na representação da mulher também refletiu mudanças nas relações de poder e na organização social, onde os valores patriarcais passaram a dominar e restringir o espaço das mulheres na sociedade.

No período medieval, a mulher era frequentemente retratada como uma figura frágil e dependente, que deveria ser subordinada ao homem. O Renascimento foi um período de transição de profundas mudanças em todas as esferas da vida e do conhecimento da humanidade. Na obra de Shakespeare encontramos a expressão desses dois mundos (Camati 2010). Este período foi marcado por um ressurgimento do interesse pela cultura clássica greco-romana, que valorizava ideais de beleza, racionalidade e humanismo. Como resultado, as representações femininas na arte e na literatura começaram a diversificar-se, retratando mulheres com maior autonomia, inteligência e individualidade, em contraste com os estereótipos tradicionais de fragilidade e dependência, a exemplo de Pandora, Ártemis, Perséfone, Gaia entre tantas outras.

Isto posto, a representação da mulher na sociedade moderna é ainda mais complexa. As mulheres são agora vistas como iguais aos homens em muitos aspectos da vida, incluindo o trabalho, a educação e a política (Martins, 2020). Esse avanço reflete décadas de luta por direitos iguais e reconhecimento da capacidade das mulheres em todas as esferas da vida pública e privada.

No entanto, ainda persistem desigualdades sociais comprometidas pelas adversidades de gênero e construção de estereótipos. Essas desigualdades podem se manifestar em diversas áreas, como no mercado de trabalho, na política, na educação e nas relações pessoais. Mulheres continuam enfrentando disparidades salariais, dificuldades para acessar posições de liderança e discriminação com base em sua identidade de gênero. Além disso, os estereótipos de gênero limitam as escolhas e oportunidades das mulheres, reforçando normas sociais restritivas que ditam como elas devem se comportar e se relacionar. E isso demonstra que apesar dos progressos, as mulheres continuam enfrentando obstáculos como a disparidade

salarial, a sub-representação em cargos de liderança e os estereótipos que as limitam a determinados papéis sociais.

2.2 A construção do estereótipo feminino na tragédia *Macbeth*

A figura feminina na literatura tem sido um fator significativo na criação de estereótipos ao longo da história. Assim, esse lugar indefinível, furo do discurso, se presta a todas as ilusões, construções ou representações, que escondem ou revelam a qualidade de estereótipo do feminino literário, (Lacan *apud* Brandão 2006). Desde tempos antigos, como já discutido neste trabalho, as obras literárias têm retratado uma variedade de arquétipos femininos, que vão desde as deusas poderosas até as donzelas em perigo, influenciando e sendo influenciadas pelas percepções sociais sobre o papel das mulheres na sociedade.

A construção do feminino é um estabelecimento social com intenções de manutenção de poder, o que faz com que as normas morais, sociais sejam, muitas vezes, injustas e até mesmo contraditórias (Konrad, 2017). Entretanto, em livros como *Macbeth*, de Shakespeare, Lady Macbeth é frequentemente vista como uma personagem que desafia estereótipos de fragilidade e passividade associados às mulheres na sociedade da época.

–Não leve tais sinais de medo e fraqueza para hoje à noite. A jovialidade e a confiança são armas poderosas diante dos tantos inimigos e falsos amigos que a coroa colocou em seu caminho... – Assim me apresentarei, não se preocupe, meu amor. Aliás, peço-lhe que faça o mesmo, principalmente com Banquo. Cubra-o de gentilezas e lisonjas. (William, 2021, p.65)

Como se observa no trecho acima, ela exerce uma influência significativa sobre seu marido, Macbeth, incentivando-o a cometer assassinatos e a agir de forma implacável para alcançar seus objetivos ambiciosos. Sua determinação e falta de escrúpulos desafiam as expectativas convencionais de feminilidade e submissão.

Com o surgimento do romance moderno, as representações das mulheres passaram a ser mais complexas e multifacetadas, frequentemente ocupando papéis de protagonistas. Apesar desses avanços, a literatura ainda é dominada por estereótipos de gênero. As mulheres são frequentemente retratadas como a imagem do outro, seres irracionais ou excessivamente sensíveis (Rebelo, 2012). Esses estereótipos limitados podem perpetuar visões simplificadas e prejudiciais sobre a

experiência feminina, ignorando a diversidade e a complexidade das mulheres reais. Embora haja uma crescente conscientização sobre a necessidade de representações mais autênticas e inclusivas das mulheres na literatura, ainda há um longo caminho a percorrer para superar esses padrões enraizados.

A literatura tem assumido um importante papel na sociedade, por isso é através dela que muitos pensamentos são difundidos e muitos aspectos que marcaram a história da humanidade têm ganhado uma nova página Medeiros (2023). Ao apresentar repetidamente mulheres como emocionalmente frágeis ou irracionais, a literatura pode influenciar a percepção pública sobre as capacidades e o valor das mulheres, limitando suas oportunidades e contribuições em diversos campos. Além disso, esses estereótipos podem afetar a autoestima e a autoimagem das mulheres, restringindo seu senso de possibilidades e auto expressão.

A literatura tem o poder de moldar a percepção da sociedade sobre as mulheres, e é crucial que essa influência seja usada para promover a igualdade de gênero e desafiar os estereótipos prejudiciais (Silva, 2005). Como uma forma de arte e expressão cultural, a literatura pode oferecer representações diversas e autênticas das experiências femininas, ampliando as vozes e perspectivas das mulheres na sociedade. Ao apresentar personagens femininas complexas, multifacetadas e empoderadas, a literatura pode inspirar mudanças de mentalidade e contribuir para a construção de uma cultura mais inclusiva e equitativa.

Ao criar narrativas e personagens que refletem uma variedade de experiências humanas, os escritores têm o poder de abrir diálogos sobre questões importantes, incluindo aquelas relacionadas à igualdade de gênero, diversidade, justiça social e muito mais. A literatura não apenas reflete as realidades do mundo em que vivemos, mas também pode servir como uma ferramenta para desafiar e transformar essas realidades, inspirando mudanças positivas e promovendo uma compreensão mais profunda e empática entre as pessoas. Assim, são esses escritores que podem mudar os estereótipos relacionados às mulheres na literatura e mudar o que se entende sobre a mulher e suas “características”.

2.3 Caracterização da personagem Lady

Existe uma variedade de estudo, pesquisa e publicação que voltam-se para as narrativas shakespearianas, em específico artigos que tratam da descrição da personagem Lady Macbeth, personagem esta que se molda como uma mulher representativa, forte e que age minuciosamente em determinação ao que almeja; outros estudos a afirmam um protótipo de mulher forte e resoluto, mostrando-se determinada a alcançar a coroa não importando os meios e, para isso, nutre e direciona a ambição de seu marido (Raffaelli; Schmidt, 2008).

Lady Macbeth é esposa do Lorde Macbeth e cúmplice de seu esposo no assassinato do rei Duncan. Ela é uma personagem de suma importância para o desenvolvimento e continuidade da ação dramática, como podemos ver no trecho que segue no Ato V, cenas I e V:

Lady Macbeth chegou-se, amistosa, a solicitude indo além de seu sorriso, mas presente em igual medida nas palavras...
 – Sejam todos bem-vindos! – saudava Lady Macbeth, que ia e vinha de um lado para outro da mesa, cumprimentando os convidados. A – Meu coração, como nossas portas, estará sempre aberto para nossos amigos! (William, 2021, p.51 e 70)

Essa personagem, assim descrita no trecho assim, tornou-se uma grande personagem de representação na literatura inglesa, sendo estudada como uma figura social importante também na demais literaturas e é vista como um mal ou uma figura popular de bruxa ao mito da mulher como símbolo da ameaça da ordem política pela perturbação da consciência moral de uma época (Muraca, 2014).

Como seu papel enquanto mulher/esposa, ela demonstra uma fidelidade interna e enorme amor e dedicação ao seu marido e seus objetivos.

– Por que está com essa cara meu marido ? O que inquieta sua alma e o faz preferir estar sozinho a partilhar comigo as tristes fantasias que tanto o incomodam ?
 – Não se preocupem meu marido. Vejo em seu olhar o que o senhor está há semanas me negando com suas palavras. (William, 2021, p.65-66)

Essa personagem amorosa, como visto no trecho acima, enquanto personagem enunciativa, não é a personagem principal, mas secundária. Apesar disso, ela é a segunda em maior quantidade de fala e que fica em cena em um curto

espaço de tempo. Este, necessário para que ela traga em cena o incentivo da trama trágica do protagonista, sendo crucial para o desenrolar da narrativa.

Para Grokorriski et al (2017), “O estereótipo belo e inocente é responsável por camuflar todo mal que ela trazia para a vida tranquila do homem. A mulher **[que é fiel e amorosa como Lady Macbeth]** que cuida da casa, dos filhos e do marido é também um fardo” (Grokorriski; et al, 2017; acréscimo nosso).

2.4 A personagem *Lady Macbeth*: poder e desequilíbrio

Retomando-se o conceito de tragédia enquanto gênero, remonta-se que assim como na escrita trágica, os personagens envolvidos na trama enfrentam um conflito e situações difíceis, encontrando-se com vulnerabilidade, por vezes, acrescidas dos seus próprios erros e decisões equivocadas.

Deste modo, também Shakespeare constrói a sua personagem *Lady Macbeth*, uma personagem que, na primeira parte do livro, desenvolve um papel fundamental para o desenrolar da trama, pois cumpre um papel determinante na vida do seu esposo. Essa personagem é a influenciadora, a que instiga o marido a alcançar o seu objetivo, o seu desejo mais íntimo, tornar-se rei.

Para Bárbara Heliadora, “ela é um complemento de Macbeth, a parte negativa da sua ambivalência” (2004, p. 171), o que a autora chamou de “consciência do mal”. A personagem conhece bem o seu companheiro e faz da profecia das bruxas [de que Macbeth se tornaria Senhor de Glamis e de Cawdor e Rei da Escócia] determinação para ela, fazendo com que busque de todas as maneiras meios para concretizá-la, transcendendo a “bondade humana” em que revela-se em um ato de entusiasmo, como vemos no ato II, cena III:

Antes você era a própria imagem da coragem e da ousadia. Inexistiam condições para lhe assegurar que sua empreitada, temerária e cheia de riscos, seria seguramente bem-sucedida. Apesar disso, mesmo sem condições propícias, você nunca se preocupou com o fato de sua empreitada ser ou não coroada de êxito. (William,2021, p.30)

Ressalta-se que, por mais perspicaz e alimentadora das ambições do esposo, Lady Macbeth não o fazia se, inicialmente esse sentimento já não existisse dentro dele, mas o medo o impedia de executar a ação ou ao menos retardar. Diante

disso, a Lady o convence, fazendo-o ver a situação como um ato de coragem, um ato heroico.

No entanto, o primeiro contato de Lady com o sangue exposto nas mãos do seu esposo, o sangue daquele que excitou tanto para que morresse, ela, pela primeira vez durante a narrativa, apresenta um olhar amedrontado e cauteloso com a possibilidade de serem vistos, como vemos no Ato III, cena I: “—Vamos voltar para o quarto e nos lavar. Temos que nos preparar e, seja lá quem for, não pode sequer perceber que estávamos acordados.” (William,2021, p. 39).

Parte então daí o início do sentimento de culpa, tristeza e escuridão que, para Bradley, (2009, p.291), quando o assassinato está consumado, a constatação de sua hediondez, primeiramente refletida no semblante de seus hóspedes, se instala em Lady Macbeth, com o choque de uma revelação súbita, e, ato contínuo, ela começa a desabar.

Lady Macbeth carrega dentro de si o peso do pecado do marido que, deparando-se com as consequências de seus atos, revela-se uma profunda angústia. Sua ambição destemida é o que de fato a levaria não só a sua força e crescimento perante a figura do esposo, mas também se tornaria a sua ruína, levando a personagem a ter o que chamamos de loucura retratada no Ato VII, cena VII como veremos a seguir:

O grito foi o último alento, um gesto libertador depois de dias e mais dias entregue à dissolução de uma solidão ensimesmada, assombrada pela própria consciência. Aquele sono perturbador que se dividia entre horas intermináveis estirada em uma cama e outras tantas construídas em um sonambulismo que a fazia perambular feito um fantasma pela imensidão de Dunsinane finalmente terminara, fora embora com ela e com muitos personagens misteriosos que a haviam atormentado até aquele lancinante grito. Como se não acreditasse no próprio fim, mesmo estirada na cama, seus olhos continuaram obstinadamente arregalados, em oblíqua desconfiança, voltados para a porta por onde ela sempre esperara chegarem aqueles cujos nomes repetia e que acreditava viriam um dia para levá-la. (William, 2021,p.119)

Logo após essa cena, o autor descreve o falecimento da personagem, findando o sofrimento e tormento que ela sentia pela sombra daqueles que ela foi responsável por suas mortes.

A progressão do trágico fim de Lady Macbeth é um modelo poderoso e estupendo de como a busca incessante pela aquisição de poder, a estimulação e crescimento de uma ambição contestada pode levar o ser humano à destruição da sua própria alma.

No capítulo III, abordaremos a questão do discurso nas interações dos personagens, como o fator influenciador interfere diretamente e indiretamente nas decisões do casal e determinam suas consequências, finalidades de suas ações e desfecho de seus atos e fim de suas vidas.

CAPÍTULO III

A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DE MACBETH E LADY MACBETH: INVERSÃO?

*“Numa ponta da lua está suspensa profunda
gota, de vapores densa: colhê-la-ei quando faltar um
triz para que toque o solo.”*

William Shakespeare

O discurso configura-se em toda maneira pela qual acontece a comunicação, transmissão de ideias, pensamentos e posição social em que haja o uso da linguagem seja ele verbal ou não verbal desta forma “falamos apenas através de determinados gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados possuem formas relativamente estáveis e típicas de construção do todo” (Bakhtin 2003, p.282).. Tratando-se do discurso narrativo, este por sua vez está relacionado ao emprego da linguagem nas interposições entre o contexto narrativo sua explicitude e o implícito como também as interações entre interlocutores contidas no texto. Ou seja, se relaciona em consonância da ação dos personagens e da intertextualidade presente no contexto discursivo que se dá pela interação entre leitor/narrador e interlocutor.

Considera-se o discurso como uma prática social que traz em seu embargo a complexidade, produzindo formulações que provocam entraves com os conceitos, valores e crenças que constituem uma comunidade. Aquilo que, de certa maneira, desafia o discurso ou fala dominante das classes sociais, discursos políticos, quebrando padrões e estereótipos por meio da linguagem, como também por meio do silêncio, que, por sua vez, apresenta grande complexidade seguido de uma subjetiva dada ao coletivo, ou àquele quem o profere. Para Foucault,

Os discursos, como os silêncios, nem são submetidos de uma vez por todas ao poder, nem opostos a ele. É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta. O discurso veicula e produz poder; reforça-o, mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo (Foucault, 1977, p. 95-96).

Como podemos inferir de Foucault, a discurso não é isento. Há uma variedade de discursos que podem ser aplicados durante o uso da linguagem e aqui trataremos das intencionalidades presentes nas interações entre a Lady Macbeth e Macbeth, frente às maneiras de análises do discurso, dentre eles, o solilóquio. O pesquisador Felipe Hirsch, retomado por Franklin Gabriel, assim define solilóquio:

Este pode ser definido como “qualquer trecho dramático com as seguintes características: (1) **é falado por um único ator** [ou personagem] e (2) **o personagem (...) [que fala] não pretende que suas palavras sejam ouvidas por nenhum outro personagem**” (Hirsch *apud* Gabriel, 2022, p. 35).

Isto é, no solilóquio, o personagem fala sozinho. Veremos o silêncio, ou seja, um solilóquio que está relacionado ao costume/hábito de “inferir a falar sozinho”, um diálogo consigo mesmo, ressaltando que não necessariamente se refere à própria consciência do personagem, mas ao objeto de fala externo com o qual se faz a interação, tornando-se muito útil e importante nas representações teatrais. E, assim como outros discursos, encontra-se também o solilóquio na narrativa trágica de Macbeth.

Para o linguista, filósofo e pensador russo, Mikhail Mikhailovich Bakhtin, ao discutir sobre a substância da linguagem,

A verdadeira substância da linguagem não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada pela enunciação ou pelas enunciações. A interação constitui, assim, a realidade fundamental da linguagem” (Bakhtin, 1986, p. 123).

Na esteira do teórico, por conseguinte, entende-se que é pela linguagem e pelo processo de interação que há entre os indivíduos, contestadas em suas ações estabelecidas, promovendo uma comunicação eficaz que resplandece na conversação ou pelo uso da língua escrita. Tratando-se das interações sociais, na perspectiva dialógica se mantém por meio das relações e interações contidas pelos indivíduos de um determinado grupo social, em outros termos é imprescindível para o crescimento social.

De acordo com o tipo de relação e interação que podem ser instauradas pelos sujeitos, essa interação pode ser recíproca ou indiferente entre os meios, podendo causar divergências como: ambição, fatores influenciadores e manipulação sobre o outro, que se determina pelo comportamento, como por exemplo em uma relação amorosa, como o casal Macbeth. Desta maneira avante iremos analisar as discussões e interação dialógica da personagem Lady Macbeth e seu esposo.

3.1 Análise das interações dialógicas entre Lady Macbeth e Lorde Macbeth

Na peça, a personagem Lady entra em cena a partir do ato II, cena II em que o esposo lhe apresenta o acontecimento ocorrido com as bruxas e lhe fala sobre a profecia recaída sobre si e a comunica sobre a chegada do companheiro Duncan.

Não fosse esse o caso, como a esposa deixava claro que sabia o que ia em sua mente e até mesmo partilhava entusiasticamente de tais propósitos?

– Duncan chega hoje á noite, meu amor - informou ele assim que chegou ao castelo e a encontrou em um de seus salões.

Uma centelha de cumplicidade lampejou em seus olhos azul-acinzentados, e o tom conspirativo de cada palavra dita não deixava margem a qualquer dúvida de que ela compartilhava igual ambição ou mesmo que superava a dele.

– E quando irá embora? - O rubor repentino nas maçãs saliente de um rosto afilado e emoldurado por vasta cabeleira vermelha traía ansiedade e uma grande inquietação; o olho iam de um lado a outro, temendo que ouvidos indesejáveis partilhassem da conversa de ambos.

– Amanhã.

– O tempo conspira contra nós.

– Certamente...

– Não temos tempo para temores e hesitações. Se queremos ir adiante em nossos planos, não teremos uma oportunidade tão boa quanto a que se aproxima. Não vire as costas a ela, meu esposo! O poder e a glória que ambicionam estão em suas mãos... (William, 2021, p.27)

Neste trecho, nota-se que Lady repele no ar um sentimento de conspiração e desejo pelo mesmo objetivo que o de seu esposo que, aparentemente, já ambicionava pelo título de rei e que, conhecendo-o bem, tratou de induzir-lhe a cometer tal atrocidade, pois sabia que somente a morte de Duncan traria o cargo que tanto almejava para seu companheiro. É nesse trecho que podemos identificar o início do dialogismo entre o casal, na concepção pensada por Bakhtin.

Essa cena evidencia a força do poder influenciador de Lady sobre Macbeth, sendo uma das muitas cenas que demonstram a potencialidade de seu poder, não somente de influenciar, mas também obtendo lugar de fala e condução da conduta de seu *milord*.

Na cena seguinte, temos a chegada do rei à casa de Macbeth em que, continuamente, a personagem Lady conduz o esposo para o que precisa ser feito naquela mesma noite: “– Duncan chegou! – Eu o receberei- definiu Lady Macbeth. – Você sabe bem quais são os preparativos com que deve se ocupar para esta noite.” (William, 2021, p. 28).

Com delicadeza e simplicidade de esposa, ela o direciona sabendo das incertezas que o fatigavam o coração. Ao mesmo tempo em que o milorde anseia para alcançar seu objetivo, também compreende as fraquezas e os temores que esconde o coração de seu companheiro, como vemos no trecho abaixo:

—Duncan me tem em alta consideração, e acabo de ser agraciado com Cawdor, minha lealdade...
 — Não se preocupava ante...
 — Não quero macular meu nome com a mancha infame da traição...
 — Ponha a bravura à frente de seus temores, meu marido, e não haverá meio de fracassarmos em nosso intento. Quando Duncan sucumbir ao sono e ao cansaço, os camareiros que o acompanham não seguirão rumo diferente, pois providenciaremos todo o vinho e outros mimos para que sucumbam a embriaguez e ao sono. depois disso, será fácil imputarmos a eles a culpa da morte régia, concorda?
 — Quem duvidará da culpa desses sonolentos e imprestáveis beberrões se os mancharmos de sangue e usarmos seus próprios punhais para matar Duncan?
 — Certamente, meu marido! Quem ousará crer em outra coisa ?
 — Sua alma indomável me convenceu, mulher! Nada temo! (William, 2021, p.30,31)

Durante o Ato II, na cena III, entra Macbeth demonstrando para a personagem Lady as suas aflições e dúvidas a respeito do que estavam prestes a realizar, visto que ele mantém uma grande amizade e respeito pelo seu companheiro de batalha. No entanto, nota-se, em solilóquio, que Lady não compartilhava da mesma incerteza de seu companheiro e que, para que houvesse a efetivação do assassinato, seria preciso pressionar o marido para que de fato fossem concretizadas as esperanças que habitavam em seu peito e conduziam seus pensamentos.

Diante desse cenário introspectivo, Macbeth apodera-se de suas forças interiores e sua “coragem” retorna a si. Em conformidade e unidos aos seus

propósitos, o casal feudal aqui estudado, coloca em prática seus planos, como ver-se no trecho a seguir no Ato III, cena I:

Repentinamente, assim como se fez, a visão fantasmagórica da adaga ensanguentada se desfez, impelida pelos liames da teia insidiosa do destino, manipulada por potências infernais, como que impedindo-o com o som distante de um sino em algum lugar á sua volta para a empresa sinistra que rondava seus pensamentos.

—Duncan... -foi tudo o que conseguiu balbuciar, lançando-se em um ímpeto ao objetivo daquela caminhada insone pelo castelo, acreditando que, mais do que apenas para animá-lo, o sino tocava para assinalar a morte do rei da Escócia. Tarde demais para voltar atrás.

A lâmina reluziu inesperadamente no quieto horror da morte veloz, que se fez em segundos, e cravou-se várias vezes no peito de Duncan. Nada além de um breve suspiro desprende-se de seus lábios, com o odor apodrecido da exagerada embriaguez. (William, 2021, p.37,38).

Após o assassinato de Duncan, o casal real recorre, com pressa, às ações de limpeza com intuito de esconder os vestígios, pois, se descobertos, seriam mortos, uma vez que os convidados, de fato, tentariam vingar a morte do rei. No entanto, tudo ocorreu como planejado e a culpa caiu sob as cabeças dos irmãos Malcolm e Donalbain, que logo após verem o corpo do pai ensanguentado, jogado ao chão, decidem partir para de longe, para investigar quem foi o traidor do rei. Entretanto, suas atitudes promovem, nos demais protetores do trono, um sentimento de desconfiança:

Após um estranhamento inicial, muito rapidamente tornou-se voz corrente entre vários nobres reunidos no grande salão do castelo de Macbeth que a repentina fuga dos jovens príncipes era a confissão mais eloquente de que ambos estavam envolvidos no assassinato de Duncan. A revolta e a perplexidade espalharam-se em igual medida entre todos, e muitos já falavam abertamente em caçá-los e seus partidários país afora. (William, 2021,p.49)

Passou-se os dias e Macbeth foi pouco a pouco reconhecido pelos demais como o sucessor do rei, visto que era o mais capacitado para o cargo, também respeitado e admirado por muitos. No entanto, sabia que para manter esta nomeação teria de enfrentar novos desafios e a possibilidade existente de que poderiam se levantarem contra ele ao perceberem ao passar do tempo que era Macbeth o verdadeiro responsável pelo assassinato do rei. Por isso, precisava vigiar todos os que estavam ao seu redor, principalmente os mais próximos: “Banquo não guardava

ilusão[...] era fácil identificar isso na insistência com que o casal real se esforçava para mantê-lo próximo, valendo-se dos mais variados subterfúgios.” (William,2021,p.62).

A partir disso, o casal começa a elaborar novos planos e, conseqüentemente, cometer mais assassinatos a fim de esconder de todos as suas reais intenções e suas ações para ser promovido ao cargo de rei. Por conseguinte, Macbeth começa a ser sucumbido pelo sentimento de culpa, o arrependimento não somente pela morte de Duncan como, mas principalmente pelo fatídico ocorrido com Banquo, que era seu fiel amigo e companheiro de longas batalhas.

A tragédia de Macbeth aqui, resulta em sua queda de fragilidade humana, esboçada em suas confusões mentais e transtornos que o perseguia, como uma mancha em sua consciência reparadora, em seus atos cometidos, como visto no Ato V, cena V:

Confusão geral. Os nobres se olharam, confusos, incapazes de compreender o que se passava com Macbeth.

—O que magestade? Do que nos acusa ? - indagaram, ignorando a que se referia com certa irritação e cada vez maior raiva.

—Não pode afirmar que eu tenha feito...- gemeu Macbeth, esbugalhando os olhos à visão do sangue que borbulhava e escorria do alto da cabeça do fantasma. - Meu Deus, não faça isso! Não agite seus cabelos cheios de sangue. (William,2021,p.73)

Nota-se, a partir do trecho acima, que Macbeth enfrenta um conflito psicológico, uma vez que seus pensamentos e sentimentos iniciam uma confusão mental, entre a consciência de seus atos, o certo e o errado em confronto com sua culpa, hostilidade e medo. Para o crítico literário e tradutor polonês, Jan Kott (2003), enfatiza que: “em Macbeth, a morte, o crime, o assassinato são concretos. E concreta é a história, tangível, carnal, sufocante; é o estertor agonizante, o silvo da espada, o golpe do punhal [...] (p.92,93).

A experiência do assassinato é individual, pessoal, ou seja, não pode ser repassada ou ensinada. E esse acontecimento desafia o homem, dividindo Macbeth entre o homem que matou e o homem de moral, de respeito, que não mata. Isso impulsiona o personagem a ver-se como indeciso entre esses dois extremos, exigindo uma transformação notada nas séries de assassinatos cometidos resultando no seu declínio real, moral e como ser humano. Quando está em campo de batalha, em seu último ato, Macbeth já exausto de tantas guerras e derramamento de sangue, concretizando, por fim, as visões das bruxas, é morto pelas mãos de Macduff, que findou sendo coroado como rei, terminando todo um período de dor, decaimento e

banho de sangue em que muitos inocentes foram mortos em nome ganância, da vaidade e luta pela manutenção de privilégios daqueles que tinham o poder. Esse desfecho sublinha as consequências da ambição desmedida e da traição, temas centrais na obra e que servem de reflexão quanto às atitudes humanas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar a tragédia *Macbeth*, de William Shakespeare, através das lentes da Teoria da Representação, das Teorias do Discurso e do Feminismo, com um foco especial na influência dos diálogos entre os personagens na caracterização de Lady Macbeth. Assim, essa pesquisa se dedicou a explorar o papel influente de Lady Macbeth sobre as decisões de seu marido, identificar os conflitos de poder na construção de sua figura e sintetizar as características sociais e históricas da representação feminina na obra.

Por conseguinte, a análise de Lady Macbeth através da Teoria da Representação, das Teorias do Discurso e do Feminismo oferecem uma nova perspectiva sobre sua figura, revelando a complexidade de sua caracterização e a relevância de seu papel na construção do poder e da tragédia na obra. Sob essas abordagens teóricas, pode-se não apenas interpretar suas ações e motivações, mas também entender como ela desafia e reconfigura as normas de. Sua representação vai além da simples reflexão das expectativas sociais da era de Shakespeare; ela também lança luz sobre as limitações enfrentadas pelas mulheres.

Além disso, a análise de Lady revela como Shakespeare, de maneira perspicaz, utiliza a personagem para explorar temas mais amplos de ambição, corrupção e as consequências devastadoras do desejo pelo poder. Sua influência sobre Macbeth não é apenas um impulso para a tragédia que se desenrola, mas também uma exploração profunda das relações humanas e das tensões entre aspirações individuais e obrigações sociais

Portanto, ao examinar a figura de Lady Macbeth sob diversas perspectivas teóricas, há um incentivo a valorizar não apenas sua relevância dentro da obra de Shakespeare, mas também seu impacto duradouro nas discussões contemporâneas sobre poder, gênero e moralidade. Sua representação ecoa além das fronteiras do teatro elisabetano, continuando a inspirar análises críticas e reflexões profundas sobre a condição humana e as intrincadas dinâmicas de poder que moldam nossa sociedade.

Ao longo do estudo, tornou-se evidente que Lady Macbeth desempenha um papel crucial na narrativa, utilizando sua astúcia e manipulação para influenciar Macbeth, desafiando as normas de gênero da época ao assumir uma postura

dominante e assertiva, o que enriquece a complexidade da trama e dos personagens. A presença dessa personagem não só impulsiona os eventos da história, mas também questiona profundamente as expectativas sociais e morais da sociedade elisabetana, lançando luz sobre as dinâmicas de poder e as relações interpessoais na obra de Shakespeare.

Os diálogos de Lady Macbeth e seu esposo Macbeth são ricos em mudanças, destacando a luta interna dos personagens e o impacto das pressões sociais e históricas sobre suas ações. Lady Macbeth, em particular, representa a ambiguidade da figura feminina, ao mesmo tempo que exerce um poder significativo, enfrenta as limitações impostas por seu gênero. Esse dualismo contribui para uma análise mais profunda de sua psicologia e as suas motivações, revelando algo mais profundo que vai além da superfície da trama.

Além disso, o estudo revelou como os contextos influenciadores presentes nos diálogos moldam a narrativa e a construção dos personagens, tornando Lady não apenas uma coadjuvante, mas uma força principal que desafia e molda o destino de Macbeth, refletindo e amplificando as tensões e conflitos da sociedade elisabetana. A influência dessa personagem sob o marido, por meio de palavras e ações, destaca a complexa dinâmica de poder entre os gêneros. Ademais, seus diálogos são momentos de profunda revelação psicológica e interpessoal. Assim, Lady Macbeth não apenas desafia as expectativas convencionais de seu papel como esposa, mas também questiona as próprias estruturas de poder e autoridade que moldam sua realidade.

Portanto, esta pesquisa oferece uma compreensão mais profunda do papel de Lady Macbeth na trama de Shakespeare, mostrando como sua influência é essencial para o desenrolar dos eventos. A análise das interações de Lady revela como os contextos presentes nos diálogos moldam a narrativa e a construção dos personagens, além de proporcionar uma reflexão sobre as implicações sociais e históricas das representações femininas na literatura. Shakespeare utiliza suas personagens para questionar as normas vigentes, especialmente no que diz respeito ao papel das mulheres na sociedade elisabetana.

REFERÊNCIAS

ACOSTA PEREIRA, R.; OLIVEIRA, A. M. **Análise dialógica do conteúdo temático em gêneros do discurso**. Revista Educação e Linguagens, Campo Mourão-PR, v. 9, n.16,p. 245–264, jan./jun. 2020. Disponível em: <http://www.fecilcam.br/revista/index.php/educacaoelinguagens/article/view/1970>. Acesso em: 25 nov. 2023.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1986.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. In: BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p.26

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. S. P. Rouanet. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRAIT, B. **Análise e teoria do discurso**. In: BAIT, B. (org.). Bakhtin: outros conceitos-chave. Introdução de Beth Brait. São Paulo: Contexto, 2006.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Teatro grego: tragédia e comédia**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

BRANDÃO, Ruth Silviano. **Mulher ao pé da letra: a personagem feminina na literatura**. Editora UFMG, 2006.

BRADLEY, A. C. **A tragédia shakespeariana**. Tradução de John Russell Brown. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CALZAVARA, Rosemari Bendlin. **Aspectos da Tragédia Moderna Na Dramaturgia de Jorge Andrade**. XII Congresso Internacional da ABRALIC, 2011.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. São Paulo: TA Queirós, 2000.

CANDIDO, A. **A literatura e a formação do homem**. Remate de Males, Campinas, SP, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635992>. Acesso em: 28 nov. 2023.

CAMATI, A. S. **O lugar da mulher na sociedade elisabetana – jaime ca e na criação poética de Shakespeare**. In: LEÃO, Liana de Camargo; SANTOS, Marlene Soares dos (Org.). Shakespeare, sua época e sua obra. Curitiba: Editora Beatrice, 2008.

CAMATI, Anna Stegh. Questões de gênero e identidade na época e obra de Shakespeare. **Centro de Estudos Shakespearianos–CESh**, 2010.

COSTA, Lígia Militz da. **A poética de Aristóteles-mímese e verossimilhança**. São Paulo-Ática-1992

FRANKLIN, Gabriel "**Que puxa!**": O solilóquio shakespeareano em Peanuts e Valente / Gabriel Franklin; orientador Cíntia Carla Moreira Schwantes. Brasília, 2022.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**. Rio de Janeiro, Graal, 1977.

FOUCAULT, M.. **Isto não é um cachimbo**. Trad. Jorge Coli. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, SP: Atlas, 2002.

GINZBURG, Carlo. **Olhos de Madeira**. Nove Reflexões sobre a Distância. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

GOMES, Alfredo de Freitas Dias .**O Santo Inquérito**. Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <https://www.academia.org.br/textos-escolhidos>. Acesso em: 05 julh. 2024.

GLOBAL, Grupo Editorial. **William Shakespeare-Biografia**. Disponível em: <https://grupoeditorialglobal.com.br/autores/lista-de-autores/biografia/?id=1322>. Acesso em: 03 julh. 2024

GROKORRISKI, R.BATISTA, R. K.; OLIVEIRA, A. P. **A influência do mito**: A mulher como origem do mal na sociedade ocidental. XV JORNADA CIENTÍFICA DOS CAMPOS GERAIS. Ponta Grossa, 2017.

HALL, S. **Representação**: Representações Culturais e Práticas Significativas. 1997

HELIODORA, Barbara. **Reflexões shakespearianas**. Rio de Janeiro: Lacerda, 2004.

HELIODORA, Barbara. **Os teatros no tempo de Shakespeare**. In: LEÃO, Liana de Camargo; SANTOS, Marlene Soares dos (Orgs.) Shakespeare, sua época e sua obra. Curitiba: Beatrice, 2008.

KONRAD, Márcia Regina. Medusa e a questão de gênero ou a punição por ser mulher. **Educação, Gestão e Sociedade**: revista da Faculdade Eça de Queirós, ano, v. 7, 2017.

KOTT, Jan. **Shakespeare nosso contemporâneo**. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Cosac & Naify, 2003

HUPPES, Ivete Suzana Kist. **Tragédia clássica e moderna**. Letras de hoje. Porto Alegre, PUCRS,1987.v.22,n.1 p.77-88.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo, SP: Atlas, 2003.

LASZLO, J. **Narrative organization of social representations**. Papers on Social representations, v. 6, n. 2, P. 93-190, 1997.

LUCENA, M. I. G. (organizadora). **Representações do Feminino**. Campinas. SP: Editora Átomo, 2003.

MACIEL, Diógenes André Vieira; And, Monalisa Barboza Santos. **Os mal-amados**, de Lourdes Ramalho: tragédia moderna, regionalidade e cultura da honra.2020

MARIN, Ronaldo. M338o **O Oceano Shakespeare** - uma investigação (auto)biográfica. / Ronaldo Marin. – Campinas, SP: [s.n.], 2011.

MARTINS, A. **A luta pela igualdade de gênero: avanços e desafios**. Editora Exemplo, 2020.

MEDEIROS, Beatriz Moreira. **Desfazendo o estereótipo de bruxa e rompendo o silêncio feminino através do texto literário**. 2023. 143 f. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino) – Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, Brasil, 2023.

MEURER, J. L.; DELLAGNELO, Adriana Kuerten. **Análise do discurso**. 2008. Florianópolis. Disponível em: https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoBasica/analiseDoDiscurso/assets/495/Texto_base_AnalisedoDiscurso.pdf. Acesso em: 28 nov.2023

MICHEL, Andrée. **O feminismo**. Uma abordagem histórica. Tradução de Ângela Loureiro de Souza. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 14.ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

MURACA, M. H. **Medeia, Lady Macbeth, Delia e Tramell**: aproximações interartes sob a figura da bruxa. ouvirOUver, [S. l.], v. 8, n. 1-2, p. p. 70–78, 2014. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/11675>. Acesso em: 15 junh. 2024.

OLIVEIRA, Marcella de. **Violência contra as mulheres**: reflexões sob o viés da psicanálise de Freud e Lacan / Marcella de Oliveira; orientador Léia Prizskulnik . -- São Paulo, 2021.

PESAVENTO, Sandra Jatáhy. Contribuição da história e da literatura para a construção do cidadão: abordagem da identidade nacional. In: __; LEENHARDT, Jacques (orgs.).**Discurso Histórico e Narrativa Literária**. Campinas, SP: UNICAMP, 1998.

PRADO, Décio de Almeida. A personagem no teatro. In: CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

PEREIRA, M. **Literatura e Feminismo: Uma Análise Crítica**. Editora ABC, 2010.

RAFFAELLI, Rafael; SCHMIDT, Beatriz. Freud e Lady Macbeth. **Cadernos de pesquisa interdisciplinar em ciências humanas**. v. 9 n. 93 (2008). Publicado: 2008-07-22. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/issue/view/964>. 15 junh. 2024

RAMALHO, Maria de Lourdes Nunes. **Os Mal-Amados**. In: CORRÊA NETO, Alarico et. al. Teatro paraibano, hoje. João Pessoa: A União, 1980.

REBELO, Tamyra Rocha. Lentes de gênero para as missões de paz: desconstrução de discursos e reflexões sobre práticas generificadas. **Coleção PROPG Digital (UNESP)**, 2012.

ROCHA, Alexandra Marla Marques da. **Afinal, O QUE É TRAGÉDIA?**. Ελληνικο βλεμμα, [S. l.], n. 3, 2017. DOI: 10.12957/elliniko vlemma.2017.33683. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/ellinikovlemma/article/view/33683>. Acesso em: 2 jul. 2024.

SALVATICI, Silvia. **Memórias de gênero: reflexões sobre a história oral de mulheres. História oral**, v. 8, n. 1, 2005.

SHAKESPEARE, William. **Macbeth**. Jandira, SP : Principis,2021.

SILVA, J. **A Mulher na Literatura: Imagens e Estereótipos**. Editora XYZ, 2005.

SILVA, Paula Francineth Passos da; ALVES, Elis Regina Fernandes. **O perfil feminino shakespeariano em Macbeth e Rei Lear**. 2012

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2009.

SILVEIRA, Vanalucia Soares da. **A produção paranoica da realidade na literatura: psicose e desconstrução**. João Pessoa, 2021.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **História das Mulheres e as Representações do Feminino**. Campinas: Editora Curt Nimuendajú, 2008.

TELLES, Norma. **As mulheres loucas da literatura**. Disponível em: <https://www.normatelles.com.br/mulheresloucas> Acesso em: 20 junh. 2024.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008.

WILLIAMS, Raymond. **Tragédia Moderna**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

WINKLER, Stephanie. **Lady Macbeth narrada: dialogismo e responsabilidade em Shakespeare e Leskov**. 2014.